



CLIPPING ELETRÔNICO
<http://www.sed.rct-sc.br/clipping>

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

CLIPPING

Recortes de notícias sobre educação

**Assessoria
de comunicação**

Clipping

30/6, 1º e 2/7/2012



CLIPPING

Veículo: Diário Catarinense

Editoria: Visor

Data: 30 /6/12

Assunto: Telhado novo /fazendo as contas

Página: 3

TELHADO NOVO

A SDR da Grande Florianópolis diz que foi autorizada a liberação de R\$ 2 milhões para investimento emergencial em seis escolas da rede pública estadual da região. Somente a Escola Nossa Senhora da Conceição, aquela que apareceu no JA de quinta, já teve a liberação de uma ordem de serviço de 149 mil para a reforma da cobertura do ginásio.

FAZENDO AS CONTAS

A pesquisa do IBGE divulgada ontem mostra que aumentou a proporção de mulheres sobre os homens no Brasil. Em 1960, eram 99,8 homens para cada 100 mulheres. Em 2010, 96 homens para cada cem mulheres. E olha que o estudo sequer levou em conta a turma dos que não gostam da fruta...



CLIPPING

Veículo: Diário Catarinense

Editoria: Geral

Data: 30 /6/12

Assunto: Senso 2010

Página: 20

CENSO 2010

SC tem o maior percentual de pessoas brancas no país

No Estado, 84% se declararam brancos, ao contrário da média nacional, que tem, pela primeira vez, maioria de pretos e pardos

ÂNGELA BASTOS

Uma década atrás, Santa Catarina tinha 5.357.864 habitantes. Desses, 4.786.293 se declaravam brancos, o equivalente a 89,3%, o que dava ao Estado o maior percentual do país. Nos dados divulgados ontem, com base no Censo 2010, o status foi mantido. Os números englobam pessoas acima de 15 anos e mostram que um percentual de 84% da população catarinense se considera branca – valor 5,3 pontos percentuais menor que na anterior.

A situação no Estado não reflete um dado nacional: pela primeira vez, pretos e pardos somam a maioria. Em 21 estados, este percentual ficou acima da média nacional (50,7%). As maiores proporções estão no Pará (76,8%), Bahia (76,3%) e Maranhão (76,2%). Apenas em Santa Catarina (84,0%), Rio Grande do Sul (83,2%), Paraná (70,3%) e São Paulo (63,9%) mais da metade da população havia se declarado branca em 2010.

O levantamento também apontou que 817 mil pessoas se reconhecem indígenas (0,4%). Desse universo, 60,8% estavam nas áreas rurais. Do total da população brasileira, apenas 15,6% vivem na zona rural.

A cor continua sendo referência no acesso escolar no Brasil. No nível superior, encontram-se 31,1% dos brancos, enquanto apenas 12,8% dos pretos e 13,4% dos pardos. O Censo revelou, também, que a defasagem entre idade e nível de ensino que a pessoa frequentava atingiu cerca de 50% das pessoas de 15 a 24 anos que estavam no ensino fundamental. Essas já deveriam ter alcançado ao menos o ensino médio.

Menos católicos, mais evangélicos

A proporção de católicos seguiu a tendência de redução. Em paralelo, cresceu a população evangélica, que passou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010. Houve também aumento do total de espíritas e dos que se declararam sem religião. Entre os espíritas estão a maior proporção de pessoas com nível superior completo (31,5%) e as menor de indivíduos sem instrução (1,8%) e com ensino fundamental incompleto (15%).

73,4

anos é a expectativa de vida do brasileiro. Em 1960, este número era de 48 anos.

7,4%

da população tem 65 anos ou mais. Esta faixa etária era 2,7% do Brasil em 1960.

1,9

filho por mulher é a média atual no país. Há 50 anos, cada mulher tinha 6,3 filhos.

25%

dos negros que entram no ensino fundamental chegam ao 3º ano do médio

31,1%

dos brancos vão ao ensino superior, contra 12,89% dos pretos e 13,4% dos pardos

50%

dos brancos que entram no ensino fundamental chegam ao 3º ano do médio.



CLIPPING

Veículo: Diário Catarinense

Editoria: Geral

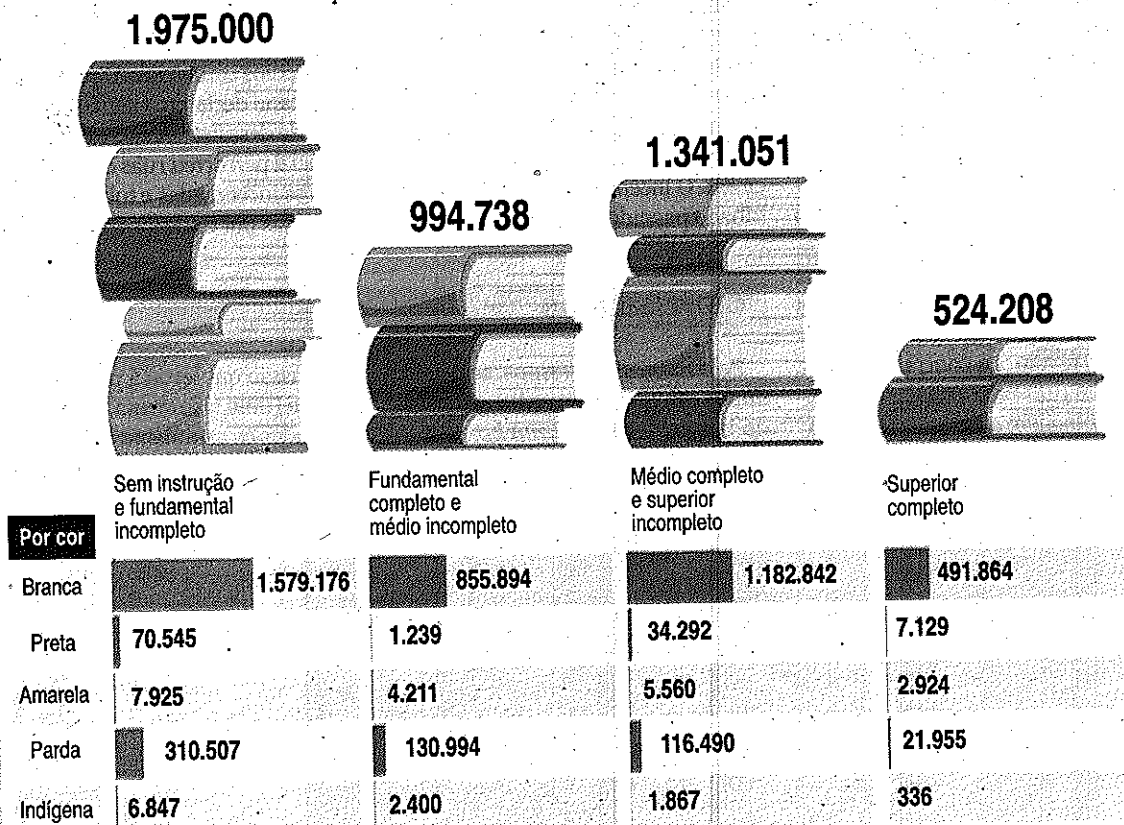
Data: 30 /6/12

Assunto: Senso 2010

Página: 20

Cor e escolaridade em Santa Catarina

INSTRUÇÃO DE PESSOAS DE 15 ANOS OU MAIS DE IDADE



Maioria no ensino superior

Pretos e pardos estão em maior número acessando o ensino, porém, aumentam as disparidades com o branco, que ainda é maioria. Em 2010, segundo o IBGE, 23,85% dos negros tinham ensino médio completo ou nível superior incompleto, e 4,96% concluíram o ensino superior.

Para que a “distância” encurte, são necessários o fim do racismo e mais políticas afirmativas. A avaliação é de Marcelo Tragtenberg, presidente da Comissão de Acompanhamento das Ações Afirmativas da Universidade

Federal de Santa Catarina (UFSC).

Em 2000, o Estado tinha 10,4% da população declarada preta e parda. Em 2010, passou para 15,4%. Não há pesquisa sobre o assunto, mas há indícios de que as ações afirmativas tornaram positiva a imagem do negro em se assumir como tal. Para Tragtenberg, isso pode ter mudado a autodeclaração para negro.

As distâncias entre pretos e pardos no acesso à universidade, com relação aos brancos, vêm aumentando desde 1960, diz ele. Em 1960, 0,16%

dos negros e 2,5% dos brancos tinham ensino superior. Em 1999, 11% dos brancos e 2,5% dos negros alcançaram o nível superior. Em 2009, atingiram este patamar 14,7% da população branca e 4,7% dos que se declararam negros.

Um estudo diz que só 25% dos negros que entram no ensino fundamental chegam ao 3º ano do ensino médio; enquanto que 50% dos brancos chegam ao 3º ano do ensino médio. Isso, tomando por base a região metropolitana de Florianópolis.



CLIPPING

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Serviço	Data: 2 /7/12
Assunto: Educação		Página: 30

• **Educação** - Estão abertas, até quarta-feira, as inscrições para o concurso de remoção e lotação direcionado aos professores da rede pública estadual que querem mudar de escola. Podem participar profissionais das áreas um e dois (ensinos fundamental) e da área três (ensino médio). Edital completo: www.sed.sc.gov.br.

Veículo: A Notícia	Editoria: Portal	Data: 1º /7/12
Assunto: Ensino Integral		Página: 2

Ensino integral

O ensino integral e os cursos técnicos serão duas das grandes bandeiras de Marco Tebaldi (PSDB) na campanha. O candidato do PSDB quer implantar os dois turnos na educação infantil e no ensino fundamental de forma gradativa, mas já a partir de 2013, caso vença a eleição. Os cursos seriam oferecidos por meio de bolsas, em parceria com o Sistema S e instituições de Joinville. Para o tucano, nada é tão importante para os jovens quanto fortalecer a educação.



CLIPPING

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Diário do Leitor	Data: 1º /7/12
Assunto: Servidores		Página: 36

Servidores

O governador, quando da greve dos professores e nova proposta para todos os servidores do Estado, prometeu dobrar o valor do auxílio-alimentação, que, na época da promessa, era de R\$ 6 por dia trabalhado. Hoje, passados os meses do reajuste, o auxílio-alimentação foi dobrado, sim, para R\$ 10. Qual será a matemática usada pelo governo? Nos meus cálculos, o dobro de R\$ 6 é R\$ 12.

Ademar Bodemüller
Trombudo Central

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Diário do Leitor	Data: 1º /7/12
Assunto: Educação ambiental		Página: 28

Educação ambiental

Parece que a humanidade começa a se conscientizar da necessidade do desenvolvimento sustentável. Não se sabe se haverá tempo para corrigir os estragos, principalmente pelo modelo capitalista de consumo. Entretanto, uma medida precisa ser adotada: a inclusão urgente nas escolas, de matérias referentes a esse tema e tudo que está nele envolvido. Esperar que meios de comunicação prestem esse serviço é ingenuidade.

Antonio Negrão de Sá
Rio de Janeiro



CLIPPING

Veículo: Jornal de SC

Editoria: Geral

Data: 30/ 6/12

Assunto: Imprensa – Conselho elogia cobertura sobre a gripe A

Página: 23

Imprensa. Conselho elogia cobertura sobre a gripe A

O Conselho do Leitor do Jornal de Santa Catarina se reuniu terça-feira, na redação do jornal. A seguir, uma síntese das principais observações feitas pelos conselheiros durante o encontro.

Educação

Conselheira Denise criticou o pouco espaço que o jornal dá ao tema educação. Citou o caso de uma nota publicada na coluna Informe, no dia 5 de junho sobre o baixo nível de investimentos na área em Santa Catarina. Na avaliação dela, a informação merecia mais espaço e destaque na capa. Lembrou que este foi o segundo item mais citado pelos eleitores na pesquisa do Ibope publicada no dia 16 de julho.

– Na minha opinião, se o jornal fica mais de um mês sem falar de educação, está falhando na cobertura deste assunto. Fez uma série de entrevistas com os candidatos, mas o tema não apareceu na fala dos políticos – observou.



CLIPPING

Veículo: Diário Catarinense

Editoria: Geral

Data: 2/7/12

Assunto: Olimpíada estudantil

Página: 25

OLIMPÍADA ESTUDANTIL

Estado será representado por 32 alunos

Trinta e dois estudantes representando o Estado na Olimpíada do Conhecimento, maior competição de educação profissional das Américas, em novembro, em São Paulo. Eles são estudantes do Senai/SC e irão disputar em 30 ocupações industriais.

A além de brigarem pelo título de melhor do Brasil, em suas ocupações, eles vão concorrer a uma vaga na equipe que irá ao WorldSkills – um torneio mundial de educação profissional, que será em Leipzig, na Alemanha, em julho de 2013.

Na última edição, em Londres, SC conquistou um ouro na disputa internacional. Os alunos aprovados são de Blumenau, Brusque, Criciúma, Florianópolis, Jaraguá do Sul, Joinville, Lages, Pomerode, Rio do Sul, São Bento do Sul, São João Batista, São José e Tubarão.

Eles desenvolveram atividades típicas de suas profissões e foram avaliados pelo conhecimento e habilidades. Para isso, precisaram seguir padrões de qualidade e produtividade. Santa Catarina também terá quatro representantes na Olimpíada do Conhecimento para pessoas com deficiência.



CLIPPING

Veículo: A Notícia

Editoria: Joinville

Data: 1º/7/12

Assunto: Olimpíada do conhecimento

Página: 6

Olimpíadas do conhecimento Candidatos são definidos

Nove joinvilenses participam da disputa que ocorre em novembro

São nove os estudantes joinvilenses que irão competir na Olimpíada do Conhecimento do Senai, no dia 12 de novembro, em São Paulo. A etapa nacional da disputa será em oito ocupações industriais. Ao todo, são 32 alunos de Santa Catarina na competição nacional.

Em paralelo com a Olimpíada do Conhecimento, ocorre a mesma competição para pessoas com deficiência. Entre os classificados de Joinville, está Arilson Cordeiro, de 34 anos. Ele se prepara com as aulas de mecânica de automóveis.

Quem vence a Olimpíada, além do título de melhor brasileiro em sua ocupação, irá disputar vaga na equipe do Brasil que participará do WorldSkills Competition, torneio mundial de educação profissional, que será realizado em Leipzig, na Alemanha, em julho de 2013.

CLASSIFICADOS

- Construção de Moldes – Marcelo Mores.
- Fresagem CNC – Guilherme A. W. Vilvert.
- Inst. e Manut. de Redes PC – Eduardo Augusto Klosowski.
- Robótica Móvel – Mayron Lucas Corrêa e Ronan Henrique Medeiros.
- Tornearia CNC – Heitor de Borba Amaral.
- Mecânica de Automóveis (pessoas com deficiência) – Arilson Cordeiro.
- Panificação (pessoas com deficiência) – Vanessa Stadelhofer.
- Tecnologia da Informação (pessoas com deficiência) – Thiago Cunha.



CLIPPING

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Geral	Data: 30/ 6/12
Assunto: UFSC garante cotas por mais cinco anos		Página: 20

UFSC garante cotas por mais cinco anos

Ontem, o Conselho Universitário da UFSC aprovou a continuidade do Programa de Ações Afirmativas até 2017. O programa prevê o estabelecimento de cotas para alunos negros, de povos indígenas ou que cursaram escolas públicas no ensino fundamental e médio.

O plano também estabelece o cursinho pré-vestibular e um plano de permanência para esses alunos, envolvendo medidas como bolsas e refeições a preços populares no Restaurante Universitário.

Marcelo Tragtenberg comemorou a continuidade do programa – que existe desde 2008 – e se mostrou crítico sobre os dados do IBGE:

– Essas ações na universidade têm um efeito social, se estimula a convivência entre os diferentes grupos. Mas apesar disso é preciso pensar que os brancos ainda estão na supremacia em relação ao acesso à escola – diz Tragtenberg.

Para ele, o programa contribui também para a abertura social da própria instituição. De acordo com o professor Tragtenberg, 75% das universidades públicas do país contam com ações afirmativas. Na UFSC, são concedidas 20% das vagas para egressos de escolas públicas e 10% para os negros.

Em relação aos indígenas, as vagas são suplementares, ou seja, são criadas especificamente para este fim nos cursos em que houver candidatos aprovados, observando o limite de duas vagas por curso.

O primeiro período do programa de Políticas de Ações Afirmativas na UFSC ocorreu de 2008 a 2012. Neste período, alcançou 5 mil estudantes de escolas públicas, e beneficiou 1,1 mil estudantes negros.

MARCELO TRAGTENBERG

Presidente da Comissão de Acompanhamento das Ações Afirmativas da UFSC



Essas ações na universidade têm um efeito social, se estimula a convivência entre os diferentes grupos.



CLIPPING

Veículo: Diário Catarinense

Editoria: Artigo

Data: 30 /6/12

Assunto: Ler o mundo

Página: 12

Ler o mundo

MARIA APARECIDA LEMOS SILVA *

Acabo de ler um livro intitulado *Ler o Mundo*. O mesmo registra vários artigos publicados em jornais. Estimula para a leitura, sobretudo como um processo que não se esgota com o domínio dos códigos linguísticos. Na verdade, o ato de ler constitui uma janela aberta ao fortalecimento da cidadania. Possibilita e aprofunda a capacidade de “ser no mundo”.

Ao deparar com o título desse livro, num primeiro momento, lembrei-me de Paulo Freire. O professor enfocava, em sala de aula e em seus livros, esta questão – “leitura de mundo” –, com ênfase, esperança e espírito crítico. Um ponto de partida e de chegada, como essência, no processo de alfabetização de crianças, jovens e adultos. Isso, quando se cultiva a clareza de que a leitura de mundo já inicia mesmo antes da vivência escolar.

Na escola básica, na universidade, ou mesmo fora da escola, a leitura da palavra jamais poderá significar uma ruptura com o ato de ler o

mundo. E sabemos que o mundo tem muito para ser lido.

Quando se faz alusão a crianças e jovens chegando ao final e até extrapolando a educação básica escolar sem saber ler ou escrever, cabe refletir “com eles e por eles” até que ponto foram estimulados a ser sujeitos críticos e criativos no processo como um todo. Inclusive, qual o conceito de alfabetização, de leitura, cultivada por seus professores? Até que ponto entendem e praticam a educação, a alfabetização, a leitura de mundo sob a visão da não neutralidade?...

Enfim, basta mantermos abertos os nossos olhos e aguçarmos nossa consciência crítica para “lermos” as artimanhas em tudo o que vem ocorrendo por aí. E são muitas as inquietações, as quais exigem respostas emergentes na política, na educação, na saúde pública, etc. Ficar à margem dos fatos significa assumir a ingenuidade ou mesmo (quem sabe?) a astúcia de poderosos e falsos líderes...

* Doutora em Educação



CLIPPING

Veículo: Jornal de SC

Editoria: Artigo

Data: 30/6 e 1º /7/12

Assunto: Ser professor

Página: 20

Ser professor

NILTON SEHNEN

Professor

Ser professor exige compromisso, responsabilidade, encantamento e generosidade para com seus alunos, propiciando assim um aprendizado prazeroso, onde o professor o convida a participar do mundo dos saberes, das relações com o outro, internalizando princípios e valores para toda a vida. E, com base nesses alicerces, encaminhá-lo aos mais variados campos do conhecimento.

Ninguém ensina o que não sabe. Por isso, não basta ter vocação ou inclinação para ser professor. Ele necessita aprimorar-se no campo da sua espiritualidade, não no sentido religioso, mas na incorporação da sabedoria humana. Aprimorar-se também no campo dos saberes e conhecimentos em geral e específicos que envolvem sua disciplina, para que suas atividades possam ser bem planejadas, com objetivos traçados, levando o aluno a participar, sabendo de onde se está partindo e para onde se quer ir.

O que se observa nos dias de hoje é que as transformações sociais presentes na escola são decisivas para que o professor seja um ser reflexivo para entender que a realidade que está posta lhes impõe novos desafios que influenciam suas práticas e exigem a aquisição de novos conceitos, regras e normas, junto com múltiplas informações e avanços científicos que culminam em modernos conhecimentos.

O professor moderno precisa buscar meios para desenvolver a assimilação de habilidades e competências linguísticas, escritas, de fala e de leitura, bem como as de ordem lógico-matemática. Temos que ter ciência de que nesse mundo complexo que se nos apresenta, levando em conta as diversidades culturais, tanto no campo social, cultural, tecnológico e científico, o aluno também participa e, muitas vezes, com velocidades e compreensões diferentes das do professor. Nesse sentido, se faz necessário um constante diálogo, para que ambos, professor e aluno, visualizem, cada qual com sua contribuição, um competente entendimento. Assim, o professor estará se tornando um professor inesquecível.

Clipping

CNTE

Portal gratuito de preparatório para o Enem lançado no país

- Data: 01/07/2012
- Veículo: 180 GRAUS
- Editoria: GERAL
- Assunto principal: ENSINO MÉDIO

[Veja a matéria no site de origem](#)

Tamanho da fonte

Mande Bem no ENEM auxilia na preparação de alunos que passarão pelo ExamE

Um grupo de educadores acaba de lançar uma plataforma educacional inovadora no Brasil. Trata-se do Mande Bem no ENEM, um portal educacional 100% gratuito, com ambientes virtuais de altíssima qualidade e somente a um clique de distância dos estudantes brasileiros. Como o próprio nome diz, o Mande Bem no ENEM auxilia na preparação de alunos que passarão pelo Exame Nacional do Ensino Médio, porta de entrada para diversas universidades brasileiras.

Segundo o jornalista Gilberto Dimenstein, o Mande Bem no ENEM é mais um exemplo de educação inclusiva e do bom uso educativo que se pode fazer da internet, nesse caso, para ajudar jovens a ingressar no ensino superior. De acordo com Dimenstein, esse portal brasileiro, aliado a iniciativas semelhantes de educação à distância, viabiliza uma excepcional oportunidade de acelerar a educação de jovens. "Quanto mais esses recursos forem disseminados, mais anos vamos ganhar em nossa educação, onde faltam professores de qualidade, especialmente na rede pública".

Com apenas cinquenta dias de funcionamento, o Mande Bem no ENEM já conta com 10 mil alunos matriculados. O sucesso da plataforma está na metodologia de ensino transdisciplinar, ou seja, todos os assuntos estão interligados e se complementam. Deste modo, o estudante é capaz de criar "links" que guiam sua absorção de conteúdo pelas vias da coerência. "Ele aprende porque vê sentido nos conceitos apresentados e não imposição. Esta é a filosofia que norteia a proposta", afirma Fernando Gianinni, um dos idealizadores do portal.

O Mande Bem no ENEM conta com 42 vídeo-aulas, além de games, podcasts, animações, simulados e roteiros de leitura. Após cada lição, o estudante recebe um questionário que irá calcular, estatisticamente, seu desempenho. O portal vem sendo muito elogiado nas redes sociais, principalmente por estudantes da rede pública, que têm dificuldades para pagar cursinhos ou escolas particulares. Também vem sendo muito acessado por estudantes que vivem em pequenas cidades ou regiões onde a internet é o principal meio de estudo. É a educação superando barreiras geográficas e sociais.

Clipping

CNTE

Meio champanhe pela educação

➤ Data: 30/06/2012
➤ Veículo: ISTO É DINHEIRO
➤ Editoria: ARTIGO
➤ Assunto principal: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

[Veja a matéria no site de origem](#)

Tamanho da fonte A - A +

O Brasil tem 84,4 milhões de pessoas em idade educacional, que precisam ser qualificadas nas escolas. O investimento per capita, no entanto, é de apenas US\$ 959.

por Carla Jimenez

O Brasil pode estar prestes a começar a pagar uma conta de quase dois séculos de atraso, caso se atreva a manter a proposta de dobrar o investimento em educação, conforme o aprovado na terça-feira 26, pela Comissão Especial de Análise do Plano Nacional de Educação, da Câmara dos Deputados. O projeto, que segue para o Senado, prevê que o País passe a investir 10% do PIB em Educação, em vez dos atuais 5%, num prazo de dez anos. Em cinco anos, a cifra chegaria a 7% e seria elevada gradativamente até dobrar, lá por 2022. A proposta foi celebrada pelas entidades ligadas à educação no País, que vinham cobrando essa melhoria para enterrar de vez vergonhosas estatísticas, como a que mostra os salários dos professores de ensino básico como os piores do País, dentre as profissões de ensino superior.

A Coreia do Sul, por exemplo, abandonou sua situação de país emergente com um plano de crescimento de longo prazo, que tinha a educação como princípio básico. Hoje, o cargo de professor é um dos mais disputados pelos coreanos e oferece os melhores salários. Para uma nação que sentiu o gostinho de ser considerada emergente há uma década, junto com os demais Brics, estamos deveras atrasados em assumir a dianteira em educação. Hoje, no Brasil, há 84,4 milhões de pessoas em idade "educacional", que precisam ser qualificadas nas escolas, e só investimos US\$ 959 per capita, contra US\$ 1,4 mil na África do Sul, US\$ 3,3 mil em Cuba, US\$ 5,4 mil na Coreia do Sul e US\$ 8,6 mil nos Estados Unidos, segundo estudo de Nelson Cardoso Amaral, doutor em educação e um dos defensores do PIB de 10% para a área.

No entanto, é triste constatar que, diante do avanço da proposta aprovada na comissão da Câmara, muitos críticos se detiveram na semana passada a analisar o fato de que outros países investem um percentual menor em educação - nos EUA, por exemplo, é 5,3% do PIB, e na Coreia, 4,6%. Uma falácia completa, uma vez que o que importa mesmo é quantas pessoas precisam ser educadas num país e o tamanho da economia de cada nação. E, no caso do Brasil, corresponde a 45% da população, pois os jovens em idade de estudo ainda são maioria na nossa sociedade. Foi mais triste ainda ver o ministro da Educação, Aloizio Mercadante, afirmar que atingir a meta dos 10% seria "uma tarefa política difícil de ser executada".

"Em termos de governo federal equivale a colocar um MEC dentro do MEC, ou seja, tirar R\$ 85 bilhões de outros ministérios para a Educação", disse Mercadante. Ora, ministro, o que faltou sempre ao Brasil em termos de educação sobrou em criatividade, e está aí uma boa desculpa para encontrar soluções para os labirintos de desvios do erário público. Curioso também ele não ter lembrado que, dentro de dez anos, a extração de petróleo do pré-sal estará mais avançada. E uma das promessas do novo modelo de partilha de royalties é garantir mais verbas para a sua pasta.

Diante do desafio de tornar o número mágico dos 10% do PIB uma realidade, o setor privado tem uma belíssima oportunidade de agarrar a bandeira da educação. Mais profissionais qualificados garantem mais inteligência e inovação para as empresas e podem diluir os custos salariais que hoje pressionam o dia a dia das companhias. A educação é um ponto de virada fundamental para que o Brasil mantenha o respeito da comunidade internacional. Isto, porém, ainda é sonho, e não dá para estourar um champanhe completo até ver a matéria aprovada depois dos trâmites necessários.

Clipping

CNTE

Falta de doutores é maior causa, dizem MEC e reitores

- ✧ Data: 02/07/2012
- ✧ Veículo: FOLHA DE S. PAULO - SP
- ✧ Editoria: COTIDIANO
- ✧ Jornalista(s): DE SÃO PAULO
- ✧ Assunto principal: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

[Veja a matéria no site de origem](#)

Tamanho da fonte

DE SÃO PAULO

O Ministério da Educação e as reitorias da UFABC e da Unifesp afirmam que a principal explicação para os concursos sem candidatos aprovados é a falta de doutores.

As universidades reconhecem, porém, que salário e carreira dos seus professores prejudicam a contratação.

Secretário do Ensino Superior do governo Dilma, Amaro Lins afirma que a demanda de professores por conta da expansão da rede federal está superior à capacidade de formação de doutores.

Em geral, as escolas buscam profissionais com esse título porque eles estão prontos para fazer pesquisa, além de lecionar na graduação.

"Teremos uma grande mudança nos próximos cinco anos", afirma Lins, sobre a dificuldade de contratação. Ele diz que a situação melhorará assim que os novos campi começarem a formar doutores.

Sobre a situação mais favorável dos concursos na Unicamp, Lins diz que, como "UFABC e Unifesp estão sendo formadas agora, o doutor vai ter de por a mão na massa", o que pode afastar interessados. Ele não quis comentar a situação salarial e de carreira dos professores federais.

SELEÇÃO RÍGIDA

Reitor da UFABC, Helio Waldman diz que há concursos vazios na escola porque a seleção é muito rígida e ela tem contratado muitos professores (cerca de 500 desde 2006, quando a universidade começou).

"Mas também influencia o mercado aquecido, principalmente na engenharia, onde os salários acadêmicos não são atrativos", afirma.

"Considero a Unifesp atrativa, pois é um centro de excelência", diz o pró-reitor de graduação da Federal de São Paulo, Miguel Jorge.

"Mas, em algumas áreas, o salário e a carreira podem ser impeditivos. Em outras, não há doutores disponíveis."

A UFSCar (Federal de São Carlos) disse que não conseguiria analisar os dados até a conclusão da edição.

Clipping

CNTE

Febre adolescente no supletivo

- ✧ Data: 02/07/2012
- ✧ Veículo: ZERO HORA - RS
- ✧ Editoria: REPORTAGEM ESPECIAL
- ✧ Assunto principal: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

[Veja a matéria no site de origem](#)

Tamanho da fonte A - A +

No Rio Grande do Sul, o número de adolescentes que estudam na Educação de Jovens e Adultos (EJA) só tem aumentado nos últimos anos, indo contra a tendência nacional de redução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) está se tornando cada vez mais Educação de Jovens e Adolescentes, pelo menos no Rio Grande do Sul.

Contrariando uma tendência nacional de queda, a quantidade de menores de 18 anos no supletivo aumenta ano após ano no Estado. Cresceu 10% apenas em 2010, conforme os dados mais recentes do governo federal. Números da Secretaria Estadual da Educação apontam continuidade do fenômeno em 2011 na rede estadual.

No Rio Grande do Sul, 23,4% dos estudantes de EJA são adolescentes, contra uma média nacional de 14,7%. Cinco anos antes, a situação era de equilíbrio. Como o acesso ao Ensino Médio da modalidade é restrito aos maiores de idade, os adolescentes estão concentrados nas turmas de Ensino Fundamental, nas quais se tornaram dominantes. Assim, podem completar as séries em metade do tempo normal.

Não é uma situação isenta de controvérsias. Em 2008, a Câmara da Educação Básica do Conselho Nacional da Educação (CNE) aprovou, por unanimidade, um parecer que elevava de 15 para 18 anos a idade mínima para se matricular no EJA. Em meio à polêmica, o Ministério da Educação decidiu não homologar a resolução. Permaneceu tudo igual.

Há alunos que esperam apenas o aniversário de 15 anos para trocar a turma seriada pela do EJA, em muitos casos no mesmo estabelecimento de ensino. Rosaura Rodrigues, coordenadora pedagógica do EJA da escola Universitário, notou uma explosão dessa tendência nos últimos cinco anos:

- Eles querem entrar no mercado de trabalho e percebem que, sem diploma, não vão conseguir. Como foram reprovados na escola e perderam tempo, procuram uma modalidade mais rápida.

A ânsia de recuperar o tempo perdido foi o que motivou Fabíola Staudt da Silva, 15 anos, a optar pelo supletivo. Em 2010, ela foi reprovada na 8ª série em uma escola estadual de Estância Velha. Em 2011, a família transferiu-a para um colégio particular. No meio do ano, veio uma mudança para Dois Irmãos, e Fabíola teve de trocar de escola outra vez. A mãe, Salete Staudt da Silva, 45 anos, diz que as notas de um colégio não foram aceitas pelo outro, levando a nova reprovação.

Após dois anos perdidos, a família viu no EJA a saída para ganhar tempo. Fabíola termina o curso na semana que vem. Vai tentar entrar em uma escola seriada de Ensino Médio. A meta é estar diplomada no 1º ano já em dezembro.

- Optamos pelo EJA para minha filha não fazer a 8ª série inteira de novo. Foi a forma de não perder mais um ano - diz Salete.

A Secretaria Estadual da Educação ainda não tem explicação para o fenômeno.

- Não gostaria de emitir um diagnóstico, porque não fizemos essa discussão. Temos de nos debruçar sobre o tema para entender melhor - diz Adriana Soares Rodrigues, assessora de referência da Educação de Jovens e Adultos na secretaria.

itamar.melo@zerohora.com.br

ITAMAR MELO

Os porquês do fenômeno

REPROVAÇÃO

Alguns fatores que contribuem para os adolescentes optarem pelo supletivo:

Alunos que repetem uma ou mais séries tendem a ficar deslocados na escola. Com frequência, abandonam os estudos. A solução é o EJA, onde vão estudar com pessoas na mesma situação.

DIFICULDADES SOCIOECONÔMICAS

A pobreza contribui para afastar os adolescentes do ensino regular. Situações familiares complicadas ou a necessidade de ficar em casa cuidando de um irmão, por exemplo, podem motivar muitas faltas. Em outros casos, as drogas e a violência afastam da escola.

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Meninas que engravidam tendem a deixar a escola regular depois de ter o bebê. Um dos motivos é que, ao se tornarem mães, passam a ver a turma como infantilizada e se sentem deslocadas. Em outras situações, a adolescente tem de ficar com o filho durante o dia e opta pelo EJA noturno.

MERCADO DE TRABALHO

Alguns alunos estudam no EJA à noite para trabalhar durante o dia. A necessidade de um diploma para obter emprego, por outro lado, motiva muitos jovens que haviam abandonado a escola a retomar os estudos pela porta do supletivo.

A FACILIDADE DO ATALHO

Alunos que completam 15 anos e ainda não terminaram o Ensino Fundamental optam, com alguma frequência, por migrar para o EJA, para ganhar tempo.

Clipping

CNTE

Precisamos da eficiência do setor privado nas escolas

✦ Data: 02/07/2012
✦ Veículo: FOLHA DE S. PAULO - SP
✦ Editoria: PODER
✦ Jornalista(s): SABINE RIGHETTI
✦ Assunto principal: OUTROS

[Veja a matéria no site de origem](#)

Tamanho da fonte

SABINE RIGHETTI

DE SÃO PAULO

VIVIANE SENNA FALA À FOLHA SOBRE O TRABALHO QUE A LEVOU A GANHAR UM DOS MAIS IMPORTANTES PRÊMIOS DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL

Entrevista da 2ª / Viviane Senna

A família Senna ganhou mais um troféu internacional. Mas a corrida desta vez -longa, com obstáculos e aparentemente sem fim- é pela melhoria da educação no Brasil.

O trabalho da psicóloga Viviane Senna, criadora do instituto que leva o nome do irmão Ayrton, morto em 1994, foi finalista do Grand Prix do banco francês BNP Paribas -o sétimo maior do mundo.

Essa é a primeira vez que o BNP Paribas reconhece o trabalho de um empreendedor social nas Américas.

Viviane concorreu com nomes de 90 países. A escolha -por unanimidade- veio de um júri internacional robusto, coordenado pelo Nobel de Economia Amartya Sen, que criou o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano).

Hoje, o Instituto Ayrton Senna atende dois milhões de crianças em 1.300 municípios. Elas não ficam em nenhum prédio do instituto, mas sim na escola. É lá que o instituto age para capacitar professores e melhorar a educação.

Mas a corrida não está ganha. Metade das crianças que entra na escola no Brasil não conclui o ensino básico."Falta levar a eficiência do setor privado para as escolas públicas", analisa Viviane.

Em Paris, onde recebeu a premiação, ela conversou com a Folha pelo telefone.

Folha - A sra. tem realizado um trabalho importante em educação no Brasil há 18 anos. O que a levou a ganhar o prêmio do banco agora? Viviane Senna - Soube que o júri ficou impressionado com a escala do trabalho do instituto [atendendo dois milhões de crianças]. O júri comentou comigo depois que nunca viu um trabalho com essa escala, é algo inédito no mundo. O instituto mostra que podemos ter um trabalho em larga escala de maneira eficiente. Hoje o que vemos na educação pública é um cenário de larga escala, que atinge a quase totalidade das crianças no início da idade escolar, mas não tem qualidade.

Ou seja, a educação pública brasileira tem quantidade, mas não tem qualidade. Sim, o desafio do Brasil é pôr quantidade e qualidade na mesma equação. Hoje, o Estado faz bem só a quantidade. A rede pública atende quase a universalidade das crianças -98%, o que dá cerca de 50 milhões. É uma Espanha inteira. Mas a qualidade caiu muito. Há algumas décadas era o contrário: a educação pública tinha qualidade, mas atendia poucos. Hoje, continuamos tendo uma educação para poucos, pois a qualidade está concentrada no setor privado. A cada dez crianças que entram na 1ª série, só cinco saem do ensino básico. Perdemos metade das crianças do país nesse trajeto. Isso é muita ineficiência! Imagine se uma empresa como a Vale perderia metade do seu minério no transporte? Ou se um hospital perdesse 50% dos pacientes? É isso que fazemos com o principal capital do país, a educação.

Essa ineficiência é resultado da priorização da quantidade? O problema não é apenas a quantidade. Há países que têm muitas crianças no setor público e não fazem esse estrago na educação. É um problema basicamente de gestão. Não temos uma cultura no sistema público de foco em resultados, de acompanhamento das atividades. A cultura da eficiência é privada. Temos escolas que não ensinam e, por isso, temos crianças que não aprendem ou

aprendem muito pouco. Então a criança começa a repetir, vai ficando cada vez mais atrasada e, depois de muitos fracassos, acaba desistindo da escola.

A própria escola o expulsa? Sim. A criança não desiste logo, os estudos mostram que a criança fica insistindo na escola. Mas a educação é um investimento e, se a criança não evoluir, ela deixa a escola. As famílias tiram a criança da escola não porque não gostam de ver os filhos estudando, mas porque não veem resultados. O sistema expulsa a criança. As razões alegadas para esses péssimos resultados são equivocadas. Antigamente diziam que as crianças brasileiras eram subnutridas e, por isso, não aprendiam. Mas isso não é verdade. Não temos um padrão africano de pobreza, com exceção de algumas localidades. Dizer que a criança brasileira não aprende porque está subnutrida é lenda. Outra lenda, mais atual, é que as crianças mais pobres não aprendem porque têm família desestruturadas.

Mas a pobreza e a família desestruturada não prejudicam o aprendizado das crianças? Claro que são um fator contra a educação. Mas não podemos lavar as mãos e simplesmente dizer que não temos como fazer a criança aprender. Não podemos esperar as crianças enriquecerem e que tenham famílias estruturadas para ensiná-las. É exatamente o contrário: justamente essas crianças pobres e com problemas na família é que precisam de uma ação agora. As crianças brasileiras são pobres, não são crianças belgas. E a escola brasileira tem de ser feita para a criança brasileira. Mas nós continuamos fazendo uma escola para quem tem condições de aprender sozinho em casa. Calcula-se que a escola represente apenas 30% do que uma criança brasileira aprende, o que é chamado de "efeito escola". Já o "efeito família" é 70%. A escola deveria ser determinante no aprendizado infantil, mas ela é tão fraca que o papel da família acaba tendo um peso muito maior. É como se estivéssemos dando um remédio diluído para nossas crianças. O remédio está lá, mas não fará efeito. A escola pública hoje é um estacionamento de crianças. Ou uma lanchonete, um lugar que a criança vai para comer -outra ideia equivocada. A escola tem de ser o lugar para se ensinar.

Soube que seu discurso ao receber o prêmio fez parte da plateia de 300 pessoas chorar. Eu dei o exemplo de uma criança pobre e analfabeta do interior de Pernambuco que passou pelo programa que desenvolvemos com Estados e municípios para melhorar a gestão da escola e para capacitar os professores. Na cidade da garota, 70% da população vive abaixo da pobreza. O IDH segue padrão africano, perto de Botsuana. Ela conseguiu chegar ao ensino médio, não deixou a escola no meio do caminho porque se sentiu atraída por ela. E, por ter concluído o ensino médio, ela passou a ter apenas 0,3% de chance de ser pobre. No Brasil, quem tem ensino médio sai "automaticamente" da ponta da população mais pobre. Foi como se tivéssemos dado para a garota um passaporte, se tivéssemos tirado ela de Botsuana para colocar em outro país. Com isso quebramos o elo entre ignorância e pobreza, começando pela ignorância. É isso que tem de ser feito no país.

Qual sua percepção da evolução da educação do Brasil desde que a sra. iniciou o projeto? No começo, em meados da década de 1990, houve uma piora. Depois melhorou um pouco. Estamos fazendo um movimento em direção da melhora da educação, mas é um movimento lento. Ter 10% ou 20% de eficiência na educação, ou seja, colocar dez crianças na escola e formar uma ou duas ainda é muito pouco. Temos de tornar o sistema público mais capaz de realizar a sua própria função. O que fazemos no instituto é justamente transformar a escola para torná-la capaz de realizar sua função. Não fazemos atendimentos no varejo, formamos pessoas em larga escala. Por isso conseguimos atender tantas crianças.

Como surgiu essa ideia de trabalhar nas escolas e não atendendo crianças? Desde que criei o instituto, bati muito a cabeça. No começo fazia como a maioria das ONGs: atendimentos a um certo grupo de crianças. Nos primeiros dois anos, estávamos atendendo 40 mil crianças. Era como se eu estivesse construindo uma Disneylândia, ou seja, um mundo ideal para um pequeno grupo. Mas e quem estivesse fora? Até que entendi que o problema no país é de larga escala. Por isso temos de desenvolver soluções que sejam capazes de atender no atacado. Temos de fazer larga escala com eficiência porque fazer baixa escala de qualidade ou larga escala ineficiente não resolve. Por isso, transformei o instituto em um centro de produção do conhecimento.

Como isso funciona? É como em um laboratório de pesquisa. Não adiantar resolver problemas pontuais e curar cada paciente por vez desenvolvendo um remédio específico para cada um. É preciso desenvolver um remédio ou uma vacina que funcione em larga escala. A ideia foi ter um instituto especializado em produzir conhecimento. Formamos cerca de 70 mil professores por ano. É mais do que formam as escolas de pedagogia do Brasil. Por isso recebemos a Cátedra da Unesco, dada apenas a universidades e centros de pesquisa. [Em 2004, o instituto foi a primeira ONG a integrar a rede de cátedras].

Qual é a maior dificuldade? Existe uma série. A principal é trabalhar em larga escala porque o Brasil é muito grande e tem uma série de gargalos. Além disso, temos um problema de governança. Quando muda o prefeito ou o governador, mudam as políticas e os projetos são interrompidos. Isso é um grande problema do Brasil.

Clipping

CNTE

"É o último lugar que o aluno tem para não sair da escola"

✧ Data: 02/07/2012
✧ Veículo: ZERO HORA - RS
✧ Editoria: REPORTAGEM ESPECIAL
✧ Assunto principal: OUTROS

Tamanho da fonte

Carmen Teresinha Brunel do Nascimento, doutora em educação

Com 25 anos de experiência no ensino para alunos do supletivo e do EJA, a doutora em educação Carmen Teresinha Brunel do Nascimento é uma pioneira das pesquisas sobre o processo de juvenilização da modalidade. Docente da rede municipal de Porto Alegre, ela concedeu entrevista a Zero Hora:

Zero Hora - Por que adolescentes estão migrando para o EJA?

Carmen Teresinha Brunel do Nascimento - Esse fenômeno surgiu na década de 90 e vem se acentuando. A escola ainda é o lugar da infância. Quando chega à 6ª ou 7ª série, o adolescente, muitas vezes, não se encontra mais, porque a escola não mudou. Depois de uma ou duas reprovações, ele é o maior da turma e quer encontrar outro local, com o qual se identifique. Essa situação mostra que a escola regular não está bem e que precisa mudar. A juvenilização é só a ponta do iceberg.

ZH - Os adolescentes saem direto de uma turma seriada para o EJA?

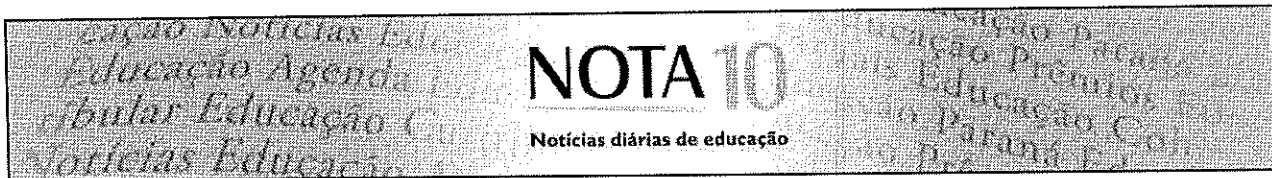
Carmen - Isso é muito comum, desde que eles atinjam a idade mínima de 15 anos. Eles passam de uma turma de Ensino Médio regular para uma turma de EJA, dentro da mesma escola. Às vezes, há problema de indisciplina, e é o próprio professor quem indica: "Vai para o EJA". É o último lugar que o aluno tem para não sair da escola.

ZH - O EJA foi pensado para receber alunos que deixaram a escola e que estão retornando, mais velhos, com experiência de vida. Adolescentes acabam perdendo ao ir para o EJA?

Carmen - É óbvio que eles perdem em formação. Se formos pensar racionalmente, não terão uma formação equivalente à oferecida no ensino regular, porque vão permanecer menos tempo na escola. Não quer dizer que todos sairão com capacidade menor, mas há uma perda para o aluno.

ZH - O Conselho Nacional de Educação chegou a aprovar resolução estabelecendo 18 anos como idade mínima para entrar no EJA. Como a senhora avalia a proposta?

Carmen - Teoricamente, entrar só aos 18 anos seria o ideal. Mas onde colocar o aluno de 15 anos que não consegue ficar mais na escola regular? O adolescente que sai da escola é presa do tráfico e da delinquência. Elevar a idade mínima para 18 anos, por isso, seria pior.



Você está em > Notícias

Curitiba | Segunda-feira, 02 de Julho de 2012

- [Página Inicial](#)
- [A Empresa](#)
- [Coluna 10](#)
- [Hello Nota 10](#)
- **Notícias**
 - [Brasil](#)
 - [Paraná](#)
 - [Agenda](#)
- [Artigos](#)
 - [Autores](#)
- [Vestibular](#)
- [Prêmios e Concursos](#)
- [Anuncie](#)
- [Fale Conosco](#)

NOTÍCIAS - Brasil

[Voltar](#)

Comissão aprova cota em universidades para alunos de escolas públicas

Quinta-feira, 28 de Junho de 2012 - [0 comentário\(s\)](#) - 32 Visualizações

Em reunião movimentada pela presença de estudantes e entidades que defendem cotas no ensino superior público, a Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH) aprovou nesta quinta-feira projeto de lei que institui um sistema de reservas de vagas nas universidades e instituições de ensino técnico federais para alunos da rede pública de ensino. Trata-se do Projeto de Lei da Câmara (PLC) 180/2008, que vem tramitando há 13 anos. Após a aprovação, o público cantou o Hino Nacional.

O texto reserva, no mínimo, 50% das vagas por curso e turno para quem tenha feito integralmente o ensino médio em escolas públicas, além de sugerir critérios complementares de renda familiar e Identidade étnico-racial.

A matéria ainda tem que ser examinada pela Comissão de Educação, Cultura e Esporte (CE). No entanto, o público que agitou o plenário da CDH pedindo a aprovação do projeto reivindica que o texto siga diretamente para exame em Plenário.

Para isso, foi aprovado requerimento pela comissão, assinado pelos senadores Paulo Paim (PT-RS), que preside a CDH, e Eduardo Suplicy (PT-SP). O senador Roberto Requião (PMDB-PR), que é presidente da Comissão de Educação, Cultura e Esporte (CE) apoia a medida e também assinou o documento. Mas ainda é preciso o apoio dos líderes partidários ao requerimento, para que a matéria seja examinada direto em plenário.

O projeto passou na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) no início do mês, após quatro anos de exame naquela comissão. Da Agência Senado.

Foto: Marcos Oliveira.

[Curtir](#) 0 [Tweet](#) 0

RECEBER INFORMATIVO

Nome

E-mail

Brasil Outro

país

Estado

Cidade

NÃO RECEBER MAIS INFORMATIVO

E-mail

SIGA-NOS

Comentários sobre "Comissão aprova cota em universidades para alunos de escolas públicas"

0 comentário(s)

Busca

Não encontrou o que procura? Utilize a [Busca Avançada](#)

COLUNA 10

NÚMERO DE DEFICIENTES NO BRASIL

O Censo 2010 aponta que 45,6 milhões de pessoas...

[Veja mais](#)

Leitores online: 24